

teatro **viriato**



© Diana Tinoco

17 e 18
DEZEMBRO^{'21}

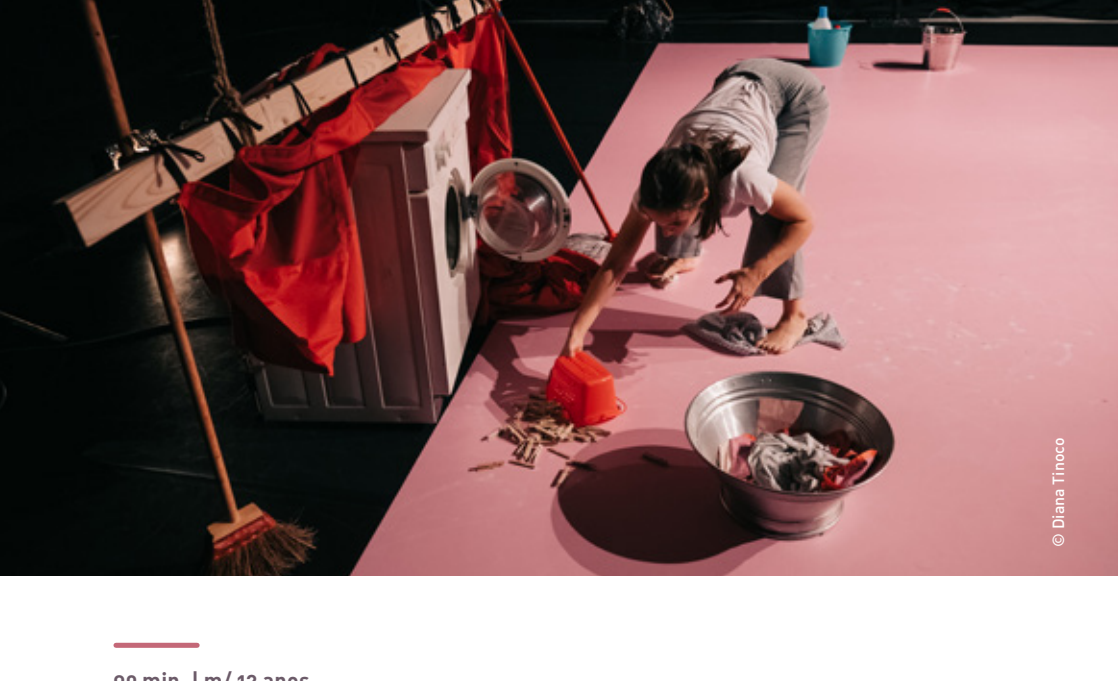
sex 21h00
e sáb 17h00

TEATRO

local
Sala de Espetáculos

MONÓLOGO
DE UMA MULHER
CHAMADA MARIA
COM A SUA
PATROA

DE **SARA BARROS LEITÃO / CASSANDRA**
COPRODUÇÃO **TEATRO VIRIATO**



© Diana Tinoco

90 min. | m/ 12 anos

Criação, texto e interpretação

Sara Barros Leitão

Assistência à criação **Susana Madeira**

Cenografia e figurino **Nuno Carinhas**

Desenho de luz **Cárin Geada**

Desenho de som **José Prata**

Operação de som **Mariana Guedelha**

Operação de luz **João Teixeira**

Coordenação e acompanhamento

da pesquisa **Mafalda Araújo**

Direção de produção **Susana Ferreira**

Produção **Cassandra**

Coprodução **23 Milhas,**

Fundação Centro Cultural de Belém, A Oficina, Cine-teatro Louletano, Teatro Académico Gil Vicente, Teatro do Noroeste - Centro Dramático de Viana, Teatro Municipal Baltazar Dias, Teatro Nacional São João e Teatro Viriato

Agradecimentos **José Soeiro, Inês Brasão, Manuel Abrantes, Nuno Dias, Cristina Lopes, Filipe Caldeira, Arquivos CGTP, Olegário Paz, Conceição Ramos, CIG - Comissão para a Igualdade de Género, Instituto de Sociologia, Vivalda Silva, STAD, Joaquim Portugal, Guida Vieira, Maria José Afonseca, CCOP, Beto, Cristina Trindade, Guida Vieira, Centro Comunitário do Funchal, Elisabete Alves, Alcinda Cários, Maria Paula Ganança,**

Graciete Baptista, Narcisca de Goes, Isabel Alves, Maria José Afonseca, Marta Lima, ASSÉDIO, Josué Maia, Eneida, Mariana da Silva, Diana Sá, Joana Carvalho, Luís Banquart, Vera Nogueira, Ana Mónica, Nuno Guedes, Guilherme Monteiro, Angelina Ferreira, Cláudia Campos, Maria Manuel Figueiredo e Bernardo Almeida

Agradecemos ainda a **todas as pessoas que nos preparam refeições, limpam as salas de ensaio, casas de banho e espaços de trabalho durante o longo período de preparação deste espectáculo, bem como nas suas futuras apresentações. Trabalho esse que aqui reconhecemos e que é tão importante e determinante para o nosso bem estar e capacidade de produção.**

Agradecemos por último, e com um reconhecimento especial, a **Celeste Vieira, mulher que já não pudemos conhecer pessoalmente, mas com a qual convivemos nos últimos meses através do seu precioso trabalho escrito sobre a criação do Sindicato do Serviço Doméstico.**

Projeto financiado por

Direção-Geral das Artes e República Portuguesa



Espectáculo acessível no dia 18 de dezembro sábado às 17h00

com Língua Gestual Portuguesa



© Susana Ferreira

QUASE COMO SE FOSSEM DA FAMÍLIA

“Quase-come-se-fossem-da-família”, poderia ser um epíteto para as empregadas domésticas, caso a sua função não fosse também invisível nas grandes epopeias clássicas. Esta descrição surge, normalmente, de imediato quando se diz que se tem uma empregada doméstica, como que para justificar ou atenuar aquela contratação. A insistência na linguagem dos afectos ajuda a não nos vermos como patrões, a não aceitar que a nossa casa constitui um posto de trabalho, e a não assumir que pagamos a alguém para limpar a nossa casa e fazer tudo o mais que for necessário.

A questão que aqui se levanta é polémica: por que precisamos de empregadas domésticas? Tentar respondê-la é colocar o dedo na ferida do estado social e na forma como nos organizamos enquanto sociedade. É abrir a caixa de Pandora, se quisermos continuar as referências mitológicas, ou não se chamasse esta estrutura de criação artística, Cassandra.

A história é feita por quem a faz, mas sobretudo por quem a escreve. É frequente passarem-nos pelas mãos livros com a frase: “e foi neste momento que as mulheres começaram a trabalhar”, quando se conta a história da Revolução Industrial, ou das Grandes Guerras. Fica no ar a curiosidade sobre o que faziam então mulheres até a essa altura. Estariam deitadas todo o dia numa cama de rede, a beber sumos de ananás feitos automaticamente pela liquidificadora, que lhes eram entregues por gatos amestrados para o efeito, e cujos copos se evaporam automaticamente no fim, sem necessidade de serem lavados? Será que antes desse dia em que “a mulher começou a trabalhar”, as crianças nasciam de ovos de dinossauro, e eram educadas por lobos nas florestas? Não teriam as camas lençóis que precisassem ser trocados e nem as casas ganhavam pó? Talvez até a essa altura ninguém adoecesse, nem pais, nem filhos, nem família, e por isso, não era necessário ninguém que fizesse canja, que mudasse fraldas, que comprasse medicamentos na farmácia e que se lembrasse das horas a que devem ser tomados. É estranho, porque não há vestígio que o mundo tenha sido alguma vez assim. Só muito recentemente se

inventaram aspiradores automáticos, mas continua a ser necessário alguém que se lembre de o pôr a carregar, de o esvaziar e de o ligar na divisão certa da casa.

Se existimos, do ponto de vista biológico ao social, é porque cuidamos ou alguém cuidou de nós. E desde que, no contexto europeu, nos organizamos em sociedade, que esse alguém calha de ser, prescrita estruturalmente, mulher.

Pagando a alguém para o fazer, ou fazendo-o nós na nossa casa de forma gratuita quando chegamos depois de uma jornada de trabalho remunerado, o trabalho doméstico é trabalho.

Desde a primeira mobilização das empregadas domésticas em Portugal em 1921, em Lisboa, ao êxodo de milhares de crianças e jovens raparigas do interior do país para as grandes cidades para trabalharem como criadas de servir, à criação do primeiro Sindicato do Serviço Doméstico, passando pela criação de uma cooperativa e a ocupação de dois prédios onde funcionam serviços de lavandaria, refeitórios e creches comunitárias, ou pela fragilidade da lei do serviço doméstico ainda em vigor aos dias de hoje, Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa procura contribuir para a escrita de uma história do trabalho das mulheres.

Não sabemos localizar onde e como começou este espectáculo, se no primeiro dia de ensaios, se quando chegamos a casa às onze da noite e nos espera a roupa por tirar da máquina, se no olhar aguçado ao ver estas mulheres nos autocarros, nas nossas casas, ou na nossa família. Acreditamos que o pensamento que impulsiona esta criação já nos habite há muitos anos, e que finalmente se concretiza quando reunimos as condições de trabalho, criação e pesquisa.

Durante os últimos meses, entrevistámos muitas pessoas: trabalhadoras domésticas, historiadoras, sociólogos e sociólogas, dirigentes sindicais, empregadas de limpeza, juristas. Lemos intensivamente os arquivos do Sindicato do Serviço Doméstico, mergulhámos em livros, filmes, teses, artigos e, sobretudo, pessoas.

Fomos reescrevendo o espectáculo até à semana da estreia. Apresentamo-lo agora com a certeza de que tudo lhe falta, afinal, não nos chega uma hora e meia para contar tantas vidas, nem cabe no espaço de um teatro o mundo todo ao mesmo tempo.

Montemor-o-Novo, 25 de outubro de 2021

Sara Barros Leitão



© Susana Ferreira

DIA DE UMA CRIADA DE SERVIR E SEU LAMENTO – CALADO

Maria Teresa Horta

I

– Maria!

- Minha senhora?

- O banho está arranjado?

- Quero a casa toda limpa!

- E o almoço aprontado!

LAMENTO: Levantei-me ainda noite solto- amordaçado...

II

– Maria!

- Minha senhora?

- Quero o vestido passado!

- A mesa que esteja posta!

- E o menino lavado!

LAMENTO: Desde as cinco da manhã, que não respiro. Não paro...

III

– Maria!

- Minha senhora?

- Sirva o café

- Escove os fatos.

-Trate as pratas!

- Lave a loiça!

- Limpe o chão que está molhado!

LAMENTO: Desde as cinco da manhã, que escovo, limpo e lavo...

IV

– Maria!

- Minha senhora?

- O menino está lanchado?

- Vá começando o jantar!

- Quero este fato engomado!

LAMENTO: Desde as cinco da manhã, que não me sento, nem falo...

V

– Maria!

- Minha senhora?

- Depressa, Dê-me o casaco!

-Esteja a pé quando eu voltar!

- E o menino deitado.

LAMENTO: Desde as cinco da manhã, que obedeço e me calo...

[Poema lido na abertura do 1.º Congresso Nacional do Sindicato do Serviço Doméstico Lisboa, 28 de Outubro de 1979]



© Diana Tinoco

SARA BARROS LEITÃO

Porto, 1990. Formou-se em Interpretação pela Academia Contemporânea do Espetáculo e iniciou a licenciatura de Estudos Clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e iniciou o Mestrado Estudos sobre as Mulheres - Género, Cidadania e Desenvolvimento, na Universidade Aberta. Não concluiu nenhum.

Trabalha regularmente em televisão, cinema e teatro.

Presentemente, trabalha como atriz, criadora, encenadora, assistente de encenação e dramaturga. Nos últimos anos destacam-se as encenações “Trilogia das Barcas” (2018), de Gil Vicente, e “Rei Lear” (2019) de William Shakespeare, coproduzidos pelo CCB e Toy Ensemble; bem como as criações “Teoria das Três Idades” (2018), coproduzida pelo Teatro Experimental do Porto e Teatro Municipal do Porto, a partir do estudo do arquivo do TEP, e “Todos Os Dias Me Sujo De Coisas Eternas” (2019), a partir de um trabalho de investigação sobre a toponímia portuense, apresentado no projeto Cultura em Expansão.

Em 2020, fundou a estrutura artística Cassandra, para desenvolver os seus projetos. Feminista, ativista por todas as desigualdades ou injustiças, incoerente e a tentar ser melhor, revolucionária quanto baste, artista difícil de domesticar. Usa o espaço de cena, o papel e a caneta como se fosse uma caixa de fósforos e um bidão de gasolina, ou um megafone para contar a história dos esquecidos.

CASSANDRA

Cassandra é uma estrutura de criação artística fundada em 2020. É também o nome da mulher que Apolo amaldiçoou por ter recusado a sua sedução, tornando-a capaz de prever o futuro sem que ninguém acredite nela. Resgatada do mito clássico, depois de ver Tróia incendiada, e ver cumprido tudo o que destinou, chega-nos agora em forma de encorajamento à criação, mesmo sabendo da dificuldade que terá em ser ouvida. Uma característica não muito diferente da de todas as mulheres. Para 2021, profetizou três projetos: um clube do livro feminista - porque os livros salvam vidas e o feminismo salva o mundo; um espetáculo - porque quer trazer para a luz o trabalho doméstico,

estruturalmente invisibilizado; e um podcast - que acompanhará um processo de trabalho dessa nova criação, porque toda a gente sabe que os espetáculos nunca são tudo o que os ensaios prometem. Ainda que, por uma vez, queiramos acreditar no que Cassandra anuncia, sabemos que depois de 2020, tudo pode não acontecer.



© Diana Tinoco

CRÍTICAS

“Esta é a história do trabalho invisível que põe o mundo a mexer. Esta história é também uma narrativa de sofrimento, de solidão, frequentemente de maus tratos e de sobrecarga de trabalho; de crianças que nos anos 40, 50 e 60 do século XX vinham trabalhar, com nove, dez, onze anos; que viviam em quartos sem janelas, sem aquele mínimo a que todo o ser humano deveria ter direito. De quem se dizia, frequentemente, que eram “quase” família, mas a quem, por isso mesmo, nada era devido, e tudo podia ser exigido. Que eram quase invisíveis, que quase sempre se chamavam Maria, um nome que pode querer dizer muita coisa ou praticamente nada, que pode ser sinónimo de um quase anonimato.”

João Carneiro

EXPRESSO 30 de outubro de 2021

“Num espetáculo pensado para ter a duração de um ciclo de lavagem de uma máquina de roupa, o prólogo começa com a atriz a lavar o chão, lembrada de um comportamento adquirido desde criança de evitar sempre pisar um chão molhado ou de pedir desculpa à trabalhadora se não tiver alternativa e estiver na sua presença. Depois, com a evocação das pancadas de Molière desferidas sobre a máquina, Sara parece segredar ao público “Olha lá tudo o que te posso contar sobre ti e sobre a tua história, companheira, durante um ciclo, pelo facto de não ter de lavar esta roupa à mão”. Sem esquecer que, terminado esse ciclo de lavagem, um outro ciclo de trabalho se inicia — recolher e estender a roupa, tarefas que a máquina ainda não aprendeu a executar.”

Gonçalo Frota

PÚBLICO 30 de outubro de 2021



DATAS

1867 - primeira lei em Portugal que regulamenta o serviço doméstico, separando as empregadas das pessoas escravizadas.

1921 - Primeira greve de empregadas domésticas em Lisboa, devido à obrigatoriedade de um registo criminal para poderem exercer a profissão, que levou à demissão e fuga do Governador Civil da época.

1974 - Criação do 1.º Sindicato do Serviço Doméstico

1976 - O respectivo sindicato é finalmente legalizado.

1979 - 1.º Congresso de trabalhadoras domésticas, onde é lido um poema de Maria Teresa Horta (uma das três Marias que escrevem “Novas Cartas Portuguesas”, onde Sara Barros Leitão foi buscar o título do espetáculo)

PODE ASSISTIR AINDA



© Filipa Ferreira

© Teresa Pacheco Miranda

CONVERSA | 18 DEZ 2021

BOCA LIVRE

CONVIDADAS SARA BARROS LEITÃO E MAFALDA ARAÚJO



sáb após o espetáculo das 17h00

// local Sala de Espetáculos

Conversa acessível em Língua Gestual Portuguesa

Quem assistir à apresentação do espetáculo “Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa” na tarde de dia 18 de dezembro, sábado, terá a oportunidade de no final conversar com Sara Barros Leitão e Mafalda Araújo, socióloga e escritora que coordenou a pesquisa para a peça.

Mafalda Araújo é socióloga, tendo realizado um trabalho de investigação sobre os cuidados informais prestados por familiares em Portugal. A sua tese, apresentada na Universidade de Amsterdão em 2019, tem como título Desvelando o «manto da invisibilidade»: Um inquérito laboral aos cuidadores familiares em Portugal.

Vivace Dão · Quinta do Perdigão • **Andante** Seridois • **Adágio** Ana Cristina Santos Almeida • Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Paula Ramos Rebelo • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Conceição e Ricardo Brazete • Eduardo Melo e Ana Cristina Andrade • Fernando Gomes Morais • Fernando Poças Figueiredo e Maria Adelaide Poças • Isabel Pais e António Cabral Costa • Joana Santareno Ferreira • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Né • Nanja Kroon • Paula Costa • Paula Nelas • Rita Brazete • **Júnior** Gaspar Gomes • Margarida de Carvalho Loureiro • Rafael Cunha Ferreira • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO

APOIO À DIVULGAÇÃO



Patrícia Portela *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e João Rodrigues *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues e Isabel Campante *Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira e Comunicação* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • José António Pinto *Encarregado da Proteção de Dados* • Info Things *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • **Colaboração Especial** José Fernandes • **Acolhimento do Público** Catarina Loureiro, Diana Silva, Filipa Antunes, Francisco Pereira, Gustavo Garcetti, Hugo Caessa, Joana Silva, João Almeida, José Vaz, Leonor Esteves, Luís Sousa, Natália Rodrigues, Roberto Terra, Ricardo Meireles, Rita Coelho e Sandra Amaral

teatroviriato

estrutura
financiada por:



Próximo espetáculo



14 a 29 JAN'22

**NOVAS AÇÕES,
NOVOS TEMPOS**

ASSINATURA NANT
30€ = 1 BILHETE, 7 ESPETÁCULOS, 1 DOCUMENTÁRIO

+ info www.teatroviriato.com

f /teatroviriato @ /teatro_viriato